

FENÔMENO BULLYING: Causas, Consequências e Reflexos na Aprendizagem

BULLYING PHENOMENON: Causes, Consequences and Reflections on Learning

Célia Martins de Almeida¹ (UEG)

Marise Vicente de Paula² (UEG)

Resumo: O bullying, embora não seja um fenômeno recente, manifesta-se no ambiente escolar de forma velada, o que dificulta sua identificação e reconhecimento. Em muitos casos, determinadas práticas são equivocadamente interpretadas por profissionais da educação como simples brincadeiras, próprias da infância e da adolescência. O termo bullying refere-se a um conjunto de comportamentos e atitudes cruéis, agressivas, intencionais e repetitivas, direcionadas por um ou mais alunos contra outro. A presente pesquisa teve como objetivo analisar de que maneira o bullying pode comprometer a aprendizagem das vítimas no espaço escolar. Para isso, foi realizada uma investigação de caráter bibliográfico, fundamentada em livros, artigos e revistas que abordam a temática. Os resultados apontaram que o bullying contribui de forma significativa para o fracasso escolar, uma vez que a violência — seja no contexto familiar, seja no escolar, ou em ambos combinados — gera danos psíquicos às vítimas, comprometendo seu desenvolvimento social e cognitivo. Tais prejuízos repercutem diretamente no processo de aprendizagem, ocasionando bloqueios no pensamento e no raciocínio, podendo produzir consequências graves na vida adulta, inclusive a ideia suicida.

Palavras-chave: Bullying; Violência Escolar; Aprendizagem; Desenvolvimento cognitivo; Fracasso escolar.

Abstract: *Bullying is as old as school itself, but it presents itself in a hidden and veiled way, which makes it difficult to recognize in the school environment, since some education professionals consider the characteristics of this phenomenon to be age-old games. The term Bullying is used to define a set of cruel, aggressive, intentional, and repetitive behaviors and attitudes adopted by one or more students against another. This research aims to investigate how bullying can compromise victims' learning at school. To this end, a bibliographical research was carried out in books, magazines, and articles that deal with the topic. At the end of the research, it was possible to verify that Bullying contributes significantly to school failure, as violence, whether in the family space, in the school space or in combination, generates psychological damage in its victims, compromising their social and cognitive development, affecting the process students' learning, causing blockage of thoughts and reasoning, even producing consequences in adulthood and suicide.*

Keywords: *Bullying; School violence; Learning; Cognitive development; School failure.*

¹ Graduada do Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás – UEG. Email: celiamago2008@aluno.ueg.br

² Professora Doutora do Curso de Pedagogia da UEG, Campus Sul, Unidade de Pires do Rio. Especialista em Neuropsicopedagogia e Educação Especial e em Educação Inclusiva com Ênfase em Autismo. Email: marise.paula@ueg.br

Introdução

O bullying constitui um fenômeno de grande relevância no contexto educacional contemporâneo, uma vez que sua incidência nas escolas brasileiras tem se intensificado, acarretando sérias repercussões no desenvolvimento social, emocional e cognitivo das vítimas. O presente artigo tem como objetivo refletir acerca dos impactos do bullying no processo de aprendizagem, destacando-o como uma das múltiplas consequências que este fenômeno impõe aos sujeitos em formação.

O termo bullying, de origem inglesa, é utilizado para designar a intenção de causar dano a uma ou mais pessoas, por meio de atitudes de intimidação e coerção. Conforme Fante (2005), a palavra bully significa “valentão” ou “tirano” e, enquanto verbo, remete a “brutalizar” e “amedrontar”. Nesse sentido, o bullying pode ser compreendido como um conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, manifestados por meio de deboches, ameaças, chantagens, perseguições, humilhações e até agressões físicas, que produzem medo, sofrimento, intimidação e sentimentos de raiva nas vítimas.

Para aprender plenamente o significado do bullying, faz-se necessário compreender, inicialmente, os conceitos de violência e agressividade. De acordo com Fante (2005, p. 155): “Quando alguém, voluntariamente, usa da força para obrigar uma pessoa ou um grupo a agir de forma contrária à sua vontade, ou quando alguém é impedido de agir de acordo com a sua própria intenção, ou, ainda, quando é privado de um bem [...]”.

Dessa forma, a violência gera opressão e submissão, ações que integram a brutalidade humana e produzem no sujeito sentimentos de inferioridade e impotência. Em alguns países, utilizam-se diferentes denominações para caracterizar práticas de assédio coletivo, que consistem em situações nas quais um ou mais indivíduos ridicularizam outro. No Brasil, assim como na maioria dos países, consolidou-se a utilização do termo bullying. Segundo Fante (2005 p. 29), “Definimos o bullying como um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar”.

O fato é que não há brincadeira quando há sofrimento. O bullying se apresenta de forma oculta, na indiferença e na desvalorização pessoal em algum momento da vida, todas as pessoas já presenciaram brincadeiras de mau gosto, sendo vítimas, autores ou simples testemunhas. No ambiente escolar, essas situações são comuns, pois as crianças e jovens convivem e estão em processo de desenvolvimento por meio da construção de grupos, nos quais, pares se identificam sejam por gostos semelhantes, pela cultura ou por ideais.

Assim, constata-se a ocorrência de risadinhas, piadinhas, fofocas e apelidos com aqueles que não pertencem ao mesmo grupo, ou seja, as diferenças, seja elas quais forem, são alvos de comportamentos que intimidam, caracterizados por gozações e xingamentos que ocorrem de forma repetida contra um mesmo indivíduo. Contudo, esses comportamentos considerados normais por muitos pais, alunos, educadores, segundo Chalita (2008), estão longe de ser inocentes. Para o autor, o bullying "é um comportamento ofensivo, aviltante, humilhante, que desmoraliza de maneira repetida, com ataques violentos, cruéis e maliciosos, sejam físicos, sejam psíquicos". (p.82).

O bullying é um fenômeno tão antigo quanto a escola, caracterizado como uma ação de grupo, em desequilíbrio. Isso vem crescendo com o passar dos tempos, atingindo, inclusive, os primeiros anos de escolarização. Porém, poucos profissionais da educação o reconhecem e adotam medidas para prevenção e combate, fato este preocupante, uma vez que os educadores possuem consciência da problemática existente e, muitas vezes, se negam de forma sutil a reconhecê-lo no seu cotidiano, a comentá-lo e estudá-lo. De acordo com Chalita (2008):

O bullying é uma violência que cresce com a cumplicidade de alguns, com a tolerância de outros e com a omissão de muitos. E se transforma em ferocidade camuflada, compondo um cenário que nos íntima, enfim, a sair do conformismo, do pessimismo e da apatia das "cavernas" para nos proteger da realidade final uma realidade grave e muda, com consequências alarmantes. (p.09).

A compreensão do bullying não se restringe aos profissionais da educação, mas abrange todos aqueles que, de forma direta ou indireta, participam dessa violência física e psicológica. Os traumas decorrentes desse fenômeno podem perdurar ao longo da vida, pois geram bloqueios emocionais que interferem negativamente no desenvolvimento socioeducacional de crianças e jovens, impactando a construção do caráter e da personalidade. O bullying emerge da crueldade

presente no ato intencional de desumanizar o outro, chegando, em situações extremas, a anular o desejo de viver, com o objetivo de causar humilhação convertida em forma de entretenimento para quem o pratica.

Nessa perspectiva, emergem questões norteadoras relevantes: o bullying no espaço escolar pode comprometer a aprendizagem? Qual é o papel da escola e da família no enfrentamento desse fenômeno? Para responder a tais indagações, este artigo apresenta uma pesquisa bibliográfica realizada nas plataformas Google Acadêmico e SciELO, utilizando os descritores bullying; Escola e Aprendizagem. O estudo contempla discussões acerca do desenvolvimento do bullying, de seus reflexos no processo de aprendizagem e da corresponsabilidade entre escola e família na prevenção e no combate a essa prática.

1. O fenômeno bullying

Alguns incidentes, gozações e brincadeiras entre pares são próprios do processo de amadurecimento do indivíduo. Assim, Fante (2005) e Chalita (2008) fazem referência em suas respectivas obras sobre alguns critérios, desenvolvidos por Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, para que se detecte o problema do fenômeno bullying de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras interpretações.

O estudo de Olweus, segundo os autores, constatou que, a cada 7 alunos, um estava envolvido em casos de bullying. Estatísticas dos Estados Unidos sobre o Bullying, do Suplementos de Crimes Escolares (School Crime Supplement – SCS) para a Pesquisa Nacional de Vitimização do Crime (National Crime Victimization Survey), realizada em 2016/2017.

No Brasil, de acordo com Borges (2023), a pesquisa sobre violência na escola produzida pela Comissão de Educação do Senado Federal, a partir do requerimento 65/2023–CE, aponta que 7 milhões de estudantes já sofreram violência na escola. A pesquisa também apontou 90% dos entrevistados afirmaram que têm mais medo da violência na escola do que nas ruas. A pesquisa do DataSenado sobre violência escolar foi realizada entre os dias 9 e 10 de maio de 2023 e ouviu 2068 entrevistados de todo o país, com 16 anos ou mais.

A referida pesquisa apresenta dados alarmantes em relação à violência e ao bullying na escola, fazendo do espaço escolar um ambiente inseguro de acordo com a visão dos jovens.

A escola constitui-se em um espaço de múltiplos conflitos, nos quais se manifestam diferentes formas de violência. No ambiente escolar, é possível identificar episódios que envolvem trocas de xingamentos, provocações verbais, uso de palavrões, desrespeito ao material de colegas, depredação do patrimônio institucional, ameaças dirigidas a professores e agressões físicas entre alunos, como chutes, tapas e beliscões. Entretanto, merece especial atenção uma forma de violência silenciada pelo medo, presente em âmbito mundial: o bullying.

Segundo Fante (2005), o bullying ocorre em diferentes classes sociais e modalidades escolares, abrangendo tanto instituições urbanas quanto rurais, configurando-se como um fenômeno de alcance global. Chalita (2008, p. 82) complementa que essa forma de violência, muitas vezes sutil, manifesta-se entre colegas de sala de aula e pode se constituir de modo direto ou indireto.

É importante destacar que o bullying ultrapassa os limites físicos da escola, estendendo-se ao ciberespaço. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) ampliaram as possibilidades de interação social, favorecendo o surgimento do cyberbullying, caracterizado pela exposição de imagens, textos ou vídeos depreciativos em redes sociais, salas de bate-papo, blogs, e-mails, mensagens de texto, entre outros meios. Essas práticas, ao ridicularizar e constranger indivíduos, podem desencadear fobia social, depressão, ansiedade e, em casos mais graves, ideação suicida.

De acordo com Salgado (2010, p. 4), o cyberbullying constitui-se em “um ato agressivo, intencional, movido por um grupo ou indivíduo, utilizando meios eletrônicos de comunicação, repetidamente e ao longo do tempo contra uma vítima que não pode facilmente se defender”. Tal agressão virtual, ao depreciar a pessoa exposta, manifesta-se por mensagens ofensivas, adulteração de imagens e manipulação de dados pessoais, produzindo sofrimento psicológico e social. Por ocorrer em rede, atinge um público mais amplo, intensificando os danos e favorecendo a sensação de impunidade do agressor, que, em muitos casos, permanece anônimo.

Além disso, o bullying apresenta especificidades relacionadas ao gênero. Entre os agressores do sexo masculino, predomina o bullying direto, caracterizado por comportamentos

ALMEIDA, Célia Martins de; PAULA, Marise Vicente de. **FENÔMENO BULLYING: Causas, Consequências e Reflexos na Aprendizagem.**

como insultos, tapas, empurrões, murros, chutes e a atribuição reiterada de apelidos pejorativos. Para exemplificar esta modalidade, Chalita (2008) relata o seguinte caso:

Carlos um menino de 13 anos, não era considerado muito bom no futebol. Por ser obeso, não tinha velocidade nem fôlego para acompanhar as partidas e passou a ser motivo de chacota dos considerados “craques”. Mesmo sob a supervisão de um professor, Carlos levava tapinhas na cabeça toda vez que perdia uma bola durante o jogo. Com o tempo, as agressões degradantes tornaram-se frequentes e aconteciam mesmo sem o suposto motivo. Decidido a não mais participar das partidas, começou a ser chamado de “menininha e de gay pelos colegas. De “gordo sujo”, apelido que ganhou porque suava muito quando corria passou a ser conhecido na escola por “gordinha fedida”, o que motivava risadas debochadas de meninos e meninas. Por várias vezes, teve sua cueca puxada por trás, apertando sua genitália. Essa desmoralização se estendeu até o dia em que o menino saiu da escola. Dizem que a família saiu da cidade. Talvez nunca tenha mais jogado futebol. Talvez tenha emagrecido. Mas, certamente, carrega consigo as marcas desse período perverso da sua vida. (p.82-83).

Diante desse cenário, emerge o questionamento sobre a postura docente frente a um conjunto de atitudes intencionais, sistemáticas e reiteradas que promovem a humilhação do estudante, favorecendo a intensificação do fenômeno do bullying e acarretando repercussões de longo prazo no desenvolvimento socioemocional da criança.

No que se refere às manifestações entre o sexo feminino e em crianças mais novas, observa-se com maior frequência a ocorrência do bullying indireto, caracterizado por estratégias como difamação, disseminação de rumores depreciativos acerca do próprio estudante ou de seus familiares, entre outras práticas que tendem a conduzir ao isolamento social. Ressalta-se, entretanto, que manifestações de violência física entre meninas não são inexistentes, apenas se manifestam em menor proporção quando comparadas às dos meninos.

No âmbito do Ensino Fundamental, especialmente nos anos iniciais, as condutas relacionadas ao bullying mostram-se mais evidentes, o que possibilita ao educador identificar com maior clareza tanto os sujeitos em situação de vitimização quanto os agressores. Entre as queixas mais recorrentes nesse segmento, destacam-se as ameaças, comportamentos hostis e episódios de violência física. Durante as observações de Fante (2005) em sala de aula, notou-se que:

[...] Algumas crianças, sem motivos aparentes, levantam-se de suas cadeiras para hostilizar o companheiro. Batem nele, pegam alguns de seus pertences sem pedir consentimento, rasgam ou rabiscam folhas de caderno ou livros, ofendendo no e, muitas

vezes acusando injustamente. Na tentativa de justificar em sua conduta quando denunciados, invertem os papéis: de agressores se transformam em vítimas. Quando o professor toma alguma medida, sendo a mais comum o encaminhamento à direção escolar, o agressor exige, sob ameaças, que a vítima desista ou confirme que era brincadeira. Em alguns relatos da segunda série, os alunos disseram que "sua vida escolar é muito triste, um inferno, porque muitos colegas xingam de nomes feios, inclusive envolvendo seus pais nos xingamentos ou apelidos. (p.64-65).

Verifica-se que o bullying é uma dinâmica expansiva, uma vez que todos os alunos se tornam parte deste processo. Assim, vítimas, agressores ou espectadores contribuem cada vez mais, para a incidência deste fenômeno nas mais diversas instituições escolares.

No ensino médio, as situações são mais veladas ocorrendo em ambientes fora da vista dos professores e gestores. Quando acontecem em sala de aula, são encarados como brincadeiras e, muitas vezes, ignorados pelos professores.

O bullying, assim, torna-se um círculo vicioso, caracterizado pela violência oculta, aumentando o número de vítimas, proliferando a intimidação, a submissão, a insegurança, a depreciação e outros aspectos negativos entre pares.

Para identificar um aluno como vítima, o professor deve estar atento a alguns comportamentos típicos como: absenteísmo (o aluno constantemente perde seus pertences); apresentar-se triste, deprimido ou aflito; nos jogos de equipe, é o último a ser escolhido ao ponto de isolar-se e separar-se do grupo durante o recreio, procurando ficar próximo de algum adulto.

A identificação também deve se estender ao aluno agressor, observando-se os seguintes comportamentos: ocorrência de brincadeiras, gozações e risadas desdenhosas e hostis; colocar apelidos ou chamar outro colega pelo nome, ridicularizando, menosprezando ou insultando o outro, incidência de ordens, ameaças, incômodos, intimidações frequentes discussões e desentendimentos pegar materiais, lanche, dinheiro e outros objetos de seus colegas sem a permissão do mesmo.

A habilidade da vítima de relacionar-se com o meio social e consigo mesmo dependerá das suas características individuais, havendo ou não a superação dos traumas causados pelo fenômeno. Caso os traumas não sejam superados pelas vítimas, seu desenvolvimento psíquico, seu comportamento e a construção de seus pensamentos e da sua inteligência ficam comprometidos, pois a experiência traumatizante vivenciada inconscientemente orientará seu comportamento para

evitar novos traumas, além de gerar sentimentos negativos, pensamentos de vingança, dificuldade de aprendizagem, baixa autoestima, queda do rendimento escolar e, ainda segundo Funk (2005), a vítima pode “desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves além de sintomatologia e doenças de fundo psicossomático, transformando-a em um adulto com dificuldades de relacionamentos e com outros graves problemas” (p.79). Como consequência, neste caso, a vítima na sua fase adulta poderá sofrer ou praticar bullying no seu local de trabalho, desenvolvendo comportamentos agressivos ou depressivos, tornando-se uma vítima-agressora.

As consequências geradas pelo comportamento do bullying nas vítimas são de grande amplitude, refletindo no seu presente e no seu futuro, comprometendo seu desenvolvimento e ainda despertando condutas agressivas nestes que sofrem as intimidações, repressões e agressões no geral, difundindo vítimas, agressores e espectadores, contribuindo para a desenfreada perpetuação da prática do fenômeno bullying. Chalita (2008) complementa que:

O bullying, ao causar danos psíquicos, morais, sociais, emocionais, físicos e mal-estar, afeta a saúde das crianças. Segundo a matéria "bullying dói" publicada na revista Saúde!.na edição de abril de 2009, o pediatra Lopes Neto enfatiza que para que: “Para que -se desenvolva adequadamente uma criança depende do bem-estar físico, psíquico e social. O ambiente violento abala esse equilíbrio e impede que os jovens cresçam de modo saudável” (p.54).

A conscientização dos pais, professores, alunos, psicólogos, psiquiatras, pediatras e demais profissionais envolvidos no processo educacional, sobre estas situações de perseguição e violência é de fundamental importância, fazendo com que todos estejam atentos aos comportamentos das crianças e jovens, bem como ao nível de incidência destes comportamentos e suas consequências.

2. O bullying escolar e seus reflexos na aprendizagem

De acordo com Patto (1999), historicamente no Brasil, existe uma tendência em responsabilizar os estudantes e suas famílias em relação ao fracasso escolar. Este movimento tende a eximir o Estado e a escola de suas fragilidades em relação à educação e, até mesmo, em relação à segurança no espaço escolar.

Essa ideia imprime uma situação de medicalização do sistema escolar, ao passo que se uma criança ou jovem não tem o desempenho acadêmico e comportamental esperado é diretamente enviado para receber tratamento médico a fim de se adequar.

Em meio aos fatores externos que repercutem no desempenho dos estudantes, tem-se a violência como fenômeno cada vez mais presente no cotidiano escolar.

De acordo com Haile et al (2013), a violência é considerada um grave problema de saúde pública e social, capaz de afetar o desempenho escolar de crianças e jovens, devido as suas alterações cognitivas e comportamentais que pode provocar.

Zequinão et al (2020) em seu estudo realizado com 409 estudantes, entre 8 e 16 anos, do 3º ao 7º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas, constatou que estudantes que sofriam violência doméstica estavam associados, em sua maioria, ao envolvimento em situações de bullying como vítimas, vítimas-agressoras e agressores. Além disso, notou-se que este grupo de estudantes apresentava maior quadro de fracasso escolar em relação aos anos de reprovação escolar e frequência.

Os dados desta pesquisa evidenciam como a violência é reproduzida entre as pessoas em diferentes espaços. Na escola, isso não é diferente, visto que as crianças e os jovens maiores e mais fortes reproduzem o que aprenderam em casa, mesmo sabendo que isso é errado, com seus colegas mais frágeis e incapazes de se defender.

Com o ambiente escolar em desequilíbrio, a aprendizagem também é comprometida, pois, sendo reprimido pelos agentes do bullying, o se nega a falar dentro da sala de aula, com receio de que novas zombarias aconteçam. Nessa perspectiva, Chalita (2008) problematiza: “Num cenário de violência, marginalização e preconceito, uma criança apavorada pode aprender o que se ensina na escola?” (p.125).

Além disso, as marcas deixadas fazem com que muitas vezes, a vítima se torne agressora, e, a fim de se livrar de tanta angústia e sofrimento, faz com que outros experimentem estes mesmos sentimentos.

A prática do bullying bem como suas consequências emocionais, psíquicas, morais, físicas, e sociais levam a vítima à tomada de angústia, dor, sofrimento e, até mesmo, vergonha. Quando se

quer livrar-se de forma rápida e eficaz desta dor, pode chegar ao ponto de atentar contra a própria vida.

O bullying provoca intensos impactos emocionais em crianças e jovens, levando-os a vivenciar sentimentos de angústia, ansiedade e medo. Os atos violentos, que nem sempre se manifestam de maneira explícita, podem ocultar a perversidade que os caracteriza, fazendo com que as vítimas se sintam isoladas, desacreditadas e com dificuldades de encontrar alguém a quem recorrer.

Para que este quadro seja mudado, segundo Fante (2005), a escola “deveria ser um espaço democrático no qual o ensino se estendesse para além da instrução, a convivência fosse tratada de maneira democrática e os valores humanísticos fossem transmitidos pela educação dos sentimentos e das emoções” (p.96).

Como principal instituição educadora, a escola deve orientar e acompanhar alunos, equipes gestora e técnica quanto ao bullying. Um dos objetivos da instituição é a socialização da sua comunidade interna e que os alunos se conscientizem sobre a igualdade e o respeito com o próximo, fazendo perceber que todos possuam os mesmos direitos. Porém, muitas vezes, segundo a educadora Fante (2005), a equidade se confunde com a homogeneidade e “os alunos acabam sendo tratados como se fossem iguais, sem que se levem em conta suas características e necessidades individuais, bem como suas diferenças pessoais” (p.185).

Esse fato ignora as particularidades de cada indivíduo, estabelecendo um modelo onde todos devem enquadrar-se. Desse modo, aquele aluno que possui alguma diferença, fora deste modelo, alguma particularidade ou necessidade especial começa a ser alvo de gozações, risadas, perseguições, por parte dos demais colegas.

Mesmo com a grande incidência do fenômeno bullying dentro das escolas, ainda há muitos gestores que negam a existência da violência gerada pelo fenômeno dentro delas. Ainda hoje, depois de vários estudos, diagnósticos e constatações sobre as ações do bullying, há muita resistência por parte de equipes gestoras em admitir a ocorrência de tal fenômeno e tomar as devidas providências para evitar tais situações.

Ao realizar questionamentos e apresentar resultados de pesquisas que mostram a existência do fenômeno bullying dentro das escolas, Fante (2005) deparou-se com a perplexidade de muitos gestores que desconheciam que o fato de que esse fenômeno ocorresse em seu meio escolar.

Segundo a referida educadora, o fato foi tratado como normal por alguns gestores, sendo declarado por eles que a relação baseada na submissão sempre existiu e que os alunos devem aprender sozinhos a lidar com as situações impostas pelos seus agressores.

Diante desses relatos, Fante (2005) faz um apelo:

Acreditamos oportuno fazer aqui um apelo a todos os profissionais de educação: por favor, valorizem os sentimentos que as vítimas expressam e entendam que para elas é muito difícil falar sobre o que lhes está ocorrendo! Não pensem que aprenderão aos trancos a se desvencilharem de situações difíceis como essas. Se estão pedindo ajuda é porque já não suportam mais o peso do sofrimento e podem estar propensas a cometer um desatino. (p.51).

Um dos papéis fundamentais da escola frente ao fenômeno do bullying consiste em interceder de maneira efetiva, assegurando o acolhimento dos estudantes que vivenciam situações de violência, valorizando seus sentimentos e legitimando seus receios. Para que essa intervenção seja eficaz, torna-se imprescindível a presença de profissionais qualificados, preparados não apenas para prevenir a ocorrência do bullying, mas também para diagnosticá-lo e enfrentá-lo quando já estiver instalado no ambiente escolar.

Nesse contexto, o professor assume papel central, uma vez que, no cotidiano da sala de aula, é ele quem conhece mais de perto as características, comportamentos, dificuldades e singularidades dos estudantes. Cabe-lhe, portanto, promover ações de conscientização sobre a natureza e os impactos do bullying tanto para quem sofre quanto para quem pratica tais condutas, contribuindo para a construção de um espaço educativo pautado no respeito, na valorização das diferenças e na democratização do processo de ensino-aprendizagem, em que emoções e sentimentos sejam reconhecidos e respeitados.

Para isso, é indispensável que o docente compreenda o fenômeno em sua complexidade, conhecendo suas formas de manifestação, causas e consequências, além de reconhecer sua influência direta no processo de aprendizagem. A ausência desse conhecimento e da sensibilidade

necessária para identificar episódios de bullying pode agravar o sofrimento dos estudantes, intensificando sentimentos de angústia e vulnerabilidade. Nesse sentido, para crianças e adolescentes, o silêncio diante das agressões frequentemente se transforma em medo de se expor, tornando a experiência escolar penosa e marcada pela sensação constante de ridicularização.

Ademais, o enfrentamento do bullying deve ser concebido como responsabilidade coletiva de toda a comunidade escolar. O grupo gestor, em particular, precisa assumir uma postura consciente e comprometida, incorporando o combate a esse fenômeno como uma diretriz fundamental do Projeto Político-Pedagógico, de modo a consolidá-lo como uma missão institucional.

Considerando o despreparo, a ausência de acolhimento e a falta de sensibilidade demonstradas por alguns docentes que não se colocam no lugar do outro e não reconhecem os sentimentos e as emoções de seus alunos, observa-se um agravamento das dificuldades de convivência no ambiente escolar. Conviver, conforme lembra Chalita (2008), significa “viver com”, o que implica compromisso e responsabilidade com a vida do outro (p.138). Essa tarefa, entretanto, torna-se desafiadora diante da diversidade que caracteriza o meio social e escolar.

Nesse sentido, a ida à escola pode se configurar como um dos momentos mais complexos da vida de uma criança, uma vez que o espaço escolar demanda aprender a conviver com diferentes pessoas, aceitar e ser aceito, acolher e ser acolhido, valorizar e ser valorizado, respeitar e ser respeitado, amar e ser amado.

Quando esses princípios não são contemplados, emergem sinais preocupantes, tais como indisciplina, rebeldia, desinteresse, enfrentamento e descaso com os conteúdos escolares e com as pessoas. A partir daí, as relações tornam-se progressivamente mais violentas: as respostas aos colegas e professores adquirem tom ríspido, os olhares carregam deboche, as falas tornam-se desinteressadas, e as risadas assumem caráter sarcástico. Esse processo pode culminar em ameaças veladas e, posteriormente, em situações que extrapolam o controle dos professores e demais profissionais da educação.

Diante desse cenário, é imprescindível que os educadores não se deixem conduzir pelas atitudes e comportamentos negativos que emergem dessas situações. Para Chalita (2008), o professor deve perceber nelas uma oportunidade de transformação, reconhecendo o potencial

educativo presente na adversidade. Além disso, é necessário que o docente atue com a convicção de que o fenômeno do bullying, embora desafiador, pode ser enfrentado por meio de práticas pedagógicas conscientes, acolhedoras e comprometidas com a formação integral dos estudantes.

É importante apreciar a perspectiva de oportunidade e contar com a certeza de que: ninguém gosta de viver a violência, nem como professor, nem como aluno, nem como vítima, nem como agressor, tampouco como testemunha de atos desumanos. Cada qual escolhe agir de acordo com as habilidades que desenvolveu e modelos que conheceu; todos querem ser felizes, protegidos e acolhidos, ter sua importância e talento reconhecidos e valorizados. Uns conquistam pela força, outros pelo carinho, outros desistem. Essa necessidade é tão imprescindível que sua ausência pode levar uma pessoa ao suicídio; alguns acabam ficando cruéis, alguns se protegem e outros se defendem da crueldade. Mas há, ainda, os que não sabem nem se proteger, nem se defender: ele se esconde, se isola e são esquecidos pelos demais; pouco se sensibilizam a ponto de buscar envolver poucos para formar muitos. São poucos porque talvez muitos não acreditem que sejam capazes de transformar algo. Os poucos que realmente acreditam e se mobilizam serão muitos até que sejam poucos. (p.198).

É o papel da escola educar para a cidadania, a diferença, a inclusão o respeito e o afeto, intercedendo positivamente nas relações e no desenvolvimento dos alunos, visando às diferenças, o talento, aos limites e às dificuldades de cada um, valorizando que todos possuem de melhor e fazendo-os com que se sintam acolhidos e respeitados nas suas diferenças para que, assim também, respeitem o próximo e percebam que ser diferente é normal, que cada um possui características próprias, tanto físicas, como culturais, religiosas e intelectuais, e é de direito e cabe a cada pessoa desenvolver o que há de melhor em si, sem medo de errar, de ser criticado, constrangido ou reprimido pelos demais.

Considerações finais

Um erro grave que deve ser varrido do espaço escolar é encarar o bullying como brincadeira própria da idade, sendo que se configura, na verdade, por uma violência sistemática pautada em ações físicas e psicológicas.

O desenvolvimento integral de crianças e jovens não se sustenta em atitudes que diminuam sua capacidade ou individualidade, mas sim em exemplos e práticas fundamentadas na amizade, no respeito e no amor. A violência, seja em espaços públicos ou privados, produz consequências

significativas, como angústia, depressão e a reprodução dessas práticas em outros contextos sociais. Crianças que vivenciam situações de violência doméstica tendem, muitas vezes, a replicar tais comportamentos no ambiente escolar.

Nesse sentido, o bullying apresenta-se como um fator determinante para o insucesso escolar, constatação recorrente na literatura especializada. Crianças e adolescentes submetidos a situações de violência e perseguição frequentemente se isolam como estratégia de autoproteção diante de um agressor constantemente presente. Esse isolamento, aliado às consequências psicossomáticas, manifesta-se em dificuldades de aprendizagem, reprovações e altas taxas de absenteísmo escolar.

Diante dessa realidade, torna-se imprescindível que o poder público, em articulação com as instituições de ensino e as famílias, promova políticas públicas eficazes de enfrentamento ao bullying. Nesse processo, cabe à comunidade escolar incluir em seus Projetos Político-Pedagógicos ações voltadas para a prevenção e combate ao fenômeno, por meio de projetos educativos, campanhas de conscientização e monitoramento sistemático de sinais de violência no espaço escolar, assegurando tanto às vítimas quanto aos agressores o acolhimento e a orientação sobre direitos e deveres cidadãos.

A família, por sua vez, representa elo fundamental nessa rede de enfrentamento, colaborando na identificação dos envolvidos, na superação das fragilidades emocionais das vítimas e na implementação de estratégias que promovam a reflexão e a ressignificação das condutas agressivas dos agressores.

Compreende-se, portanto, que a amizade e as relações de respeito configuram o mais potente antídoto contra a emergência e a perpetuação de comportamentos cruéis, desdenhosos e repetitivos. Nesse cenário, todos os sujeitos podem ser considerados vítimas, uma vez que os agressores frequentemente reproduzem experiências de violência vividas em contextos familiares. Assim, o combate ao bullying deve constituir-se em objetivo social amplo, no qual a escola desempenha papel central como agente formador, promotor de acolhimento, compreensão e, quando necessário, encaminhamento para tratamento especializado.

REFERÊNCIAS

AGMONT, Giuliano. Bullying dói. **Revista Saúde** (nº 310). São Paulo: Editora Abril, 2009, p. 52-55. Disponível em https://www.santoandre.sp.gov.br/biblioteca/bv/hemdig_txt/090424003.pdf Acesso em: 13/01/2023.

BORGES, Iara Farias. **Pesquisa do DataSenado revela que quase 7 milhões de estudantes sofreram violência na escola.** Brasília: Rádio Senado, 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado> Acesso em: 13/01/2023

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade** – Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Editora Gente, 2008.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. Edição revisada e ampliada. Campinas-SP: Versus Editora, 2005.

HAILE, R. T.et al. Prevalence of sexual abuse of male high school students in Addis Ababa, Ethiopia. **BMC international health and human rights**, [s.l.], v. 13, n. 1, p. 24, 2013.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

TEIXEIRA, Gustavo. **Transtornos comportamentais na infância e adolescência.** Rio de Janeiro: Rubio, 2006.

VEIGA, Aída. Sutil e Cruel Agressão. **Revista Época**. Editora Globo: São Paulo, maio 2004, Edição nº 315, p.54-61.

ZEQUINAO, Marcela Almeida et al. **Punição física em casa e reprovação escolar relacionadas ao bullying.** *J. Hum. Growth Dev.* [online]. vol.30, n.3, p.434-442. ISSN 0104-1282. Santo André-SP 2020. <https://doi.org/10.7322/jhgd.v30.11111>.

Recebido em 15/02/2024.

Aprovado em 27/09/2025.